

CB
19102197
234

ENTREVISTA

“DESMATAR É MUITO MAIS FÁCIL”

Com técnicas simples e cuidado em cada uma das etapas da extração de madeira, projeto piloto de ONGs mostra que é possível extrair sem devastar a Floresta Amazônica

Para cada árvore que é derrubada na Floresta Amazônica, outras 27 são destruídas, seja porque estão enredadas pelos mesmos cipós, seja pela abertura de estradas. Esta é apenas uma das marcas deixadas pela extração irresponsável de madeira na Amazônia.

Um plano experimental de manejo da floresta desenvolvido pelo Instituto do Homem e do Meio Ambiente da Amazônia (Imazon) em conjunto com o Fundo Mundial para a Natureza (WWF) e recursos da Agência Norte-americana de Cooperação (Usaid) conseguiu reduzir essa perda pela metade, usando bom senso e técnicas simples.

O projeto começou em 1990, em Paragominas, e já influencia vários empresários do ramo, que passaram a usar algumas das técnicas do manejo.

O responsável pelo trabalho, engenheiro agrônomo Paulo Amaral, do Imazon, conversou com o Correio sobre o projeto, que promete maior rentabilidade a longo prazo e menor impacto à natureza.

Correio Braziliense - Como nasceu a idéia do projeto?

Paulo Amaral - Em 1990, tínhamos o objetivo de fazer um diagnóstico da atividade madeireira na região. Queríamos identificar os padrões de exploração na Amazônia. Sabíamos que a atividade estava chegando na região de Paragominas, mas ninguém tinha informações sobre os impactos que isso causaria. Foi o primeiro passo para planejar o estudo.

Correio - Por que escolheram Paragominas para o projeto piloto?

Paulo Amaral - Porque aqui a atividade já era mais intensa e notamos que, em Paragominas, acontecia exatamente naquele momento todo o processo de ocupação e uso dos recursos florestais. As indústrias, concentradas em grande número. Estávamos em meio a um grande laboratório, de onde vinham sendo extraídas mais de 100 espécies de madeira.

Correio - Que impressão tiveram naquele momento?

Paulo Amaral - Percebemos que a atividade era muito danosa, deixan-

do uma floresta altamente fragmentada e com severos danos. A enorme quantidade de matéria orgânica abandonada na mata trouxe a facilidade de provocar incêndios. Em resumo, vimos que era uma atividade muito ineficiente. Queríamos reduzir o desperdício de madeira e o dano à floresta. Isso era fundamental para que a extração tivesse menos impacto.

Correio - Como iniciou o projeto de manejo?

Paulo Amaral — Ao longo de dois anos ficamos observando o processo para ver onde estavam as falhas do modelo. Acompanhamos várias equipes de extração de diferentes indústrias e passamos a identificar os problemas para propor uma solução. Um dos principais era a falta de treinamento. O ajudante do operário de hoje será o operário de amanhã. Então ele aprende na prática, com todos os erros do mestre. Ele vai praticar os mesmos erros. Não vai sair daquele aprendizado. Não se investe na capacitação dos operários.

Correio - Que outros problemas encontraram?

Paulo Amaral - Na extração tradicional não se faz um inventário prévio das árvores existentes na floresta. Não se sabe o que se tem para extrair. Os operários entram na mata em busca das árvores. As equipes de extração trabalham praticamente isoladas dentro da floresta. Não existe grande comunicação entre a equipe de derrubada e a que retira a madeira da floresta. Isso causa grande desperdício de madeira e danos na floresta que poderiam ser evitados.

O operário que entra com o trator para arrastar as toras não sabe onde elas estão, e se guia pelas clareiras formadas com as derrubadas. Acontece que muitas vezes uma árvore cai sem deixar clareira, já que as copas das outras árvores tomam o espaço. Essa árvore, então, é abandonada na floresta. Há, também, clareiras naturais, o que engana o tratorista, que abre um caminho até lá e não encontra nenhuma árvore derrubada. Isso é um desperdício muito grande. É dinheiro que está ficando lá. Na extração com manejo



O agrônomo Paulo Amaral: extração de madeira com maior produtividade e menor impacto à floresta

esse desperdício é zero.

Correio — Há outras fontes de desperdício na extração tradicional?

Paulo Amaral — Sim. Em muitos casos o tratorista vai até uma árvore que não está pronta para o arraste. Por exemplo: ela caiu e rachou, abriu, quebrou toda e ficou sem valor comercial. Ele não recebe essa informação do motosserrista. Fez um novo caminho e não arrastou esta árvore. Também acontece da árvore ser derrubada mas não ser separada da copa. Isso é comum quando a copa tem muita abelha. O motosserrista abandona a árvore. É uma série de erros que, no final, causam um desperdício muito grande de máquina e de operários, além de um enorme dano à floresta.

Correio — Quais são as principais diferenças entre a extração tradicional e a planejada?

Paulo Amaral — A extração planejada investe mais no homem que na máquina. Na extração tradicional, a máquina resolve todos os problemas. Como os operários não têm treinamento formal, recebem uma máquina que tem poder de destruição muito grande e ela resolve todos os problemas. Na extração manejada, cada etapa é pensada cuidadosamente: as derrubadas, o arraste, os caminhos, as estradas. Estas são planejadas para serem utilizadas durante o primeiro, segundo e terceiro cortes. Na extração tradicional, a cada ano são abertas novas estradas, porque não se pensa nas árvores que

vão ficar na floresta e estarão em ponto de corte daqui a 90 anos. Além disso, como o operário não sabe onde estão as árvores, faz verdadeiros zigzagues, caminhos mais longos até chegar a uma tora. Tudo isso significa prejuízos. Como o ciclo de corte é muito longo, ele vê só o agora, não o uso futuro dessa mata.

Correio — A exploração manejada também exige ciclo de 90 anos entre um corte e outro?

Paulo Amaral — Não, aí o ciclo cai para menos da metade, 35 anos. Mas são ainda previsões. Não sabemos exatamente como a floresta se comporta.

Correio — Quais são os passos de uma exploração manejada?

Paulo Amaral — Antes que as máquinas cheguem à floresta, entra

uma equipe que vai planejar como fazer a retirada dessa madeira. Tudo baseado em informações do mapa, que é gerado a partir do inventário. A equipe de extração vai para a floresta com o mapa. Ela vai traçar os ramais de arraste, traçar as estradas, baseada no mapa, onde estão todas as árvores que vão ser extraídas e o volume de madeira que vão produzir. Essa equipe, de três a quatro pessoas, vai estudar como a árvore vai ser derrubada e como vai sair da floresta. Que não caia prejudicando a regeneração e que caia de maneira mais fácil para o trator tirá-la de lá. A técnica de corte também é importante não só para evitar desperdício como também para evitar acidentes com os operários. Depois é preciso acompanhar o crescimento das árvores, para saber quando estarão em ponto de corte.

Correio — A produtividade é a mesma nos dois modelos?

Paulo Amaral — Não. Comparamos o projeto piloto com uma área de extração tradicional. Na primeira, saíram 38 metros cúbicos de madeira por hectare. Na outra, 30 metros cúbicos, porque a manejada foi mais eficiente.

Correio — Por que os empresários resistem a aplicar este modelo?

Paulo Amaral — O principal fator é o investimento que precisa ser feito. O manejo florestal reduz o lucro deles em 7% até pagar o investimento, em cinco ou dez anos. Mas tem um ganho a longo prazo. Ainda não é atrativo fazer manejo florestal. O recurso é abundante, temos ainda muita floresta e o acesso é livre. Eu já conversei com vários empresários que se negam a fazer o manejo porque consideram desleal concorrer num mercado onde ninguém o faz. Falta incentivo, falta tratamento diferenciado para quem investe em manejo. Desmatar a floresta hoje é muito mais simples do que fazer o manejo florestal. É um absurdo.



LEIA AMANHÃ

Avanço da lavoura causa guerra por água no Cerrado